

PENSANDO A CONSTRUCIONALIZAÇÃO E TRADUZINDO O INTRADUZÍVEL: ANÁLISE DO LIVRO *THE COW WENT TO THE SWAMP* (A VACA FOI PRO BREJO), DE MILLÔR FERNANDES

THINKING ABOUT CONSTRUCTIONALIZATION AND TRANSLATING WHAT CAN'T BE TRANSLATED: ANALYSIS OF THE BOOK "THE COW WENT TO THE SWAMP", BY MILLÔR FERNANDES

VELLASCO, Bianca Alencar¹

LOPES, Cristiane Rosa²

Resumo: Por meio da análise do trabalho de Millôr Fernandes em *The cow went to the swamp* (A vaca foi pro brejo), este estudo tem como objetivo articular a teoria da construcionalização, enquadrada numa perspectiva funcionalista de língua, com a questão da possibilidade de tradução. O estudo se fundamenta em autores que se debruçam sobre estudos funcionalistas, como Alonso & Cezario (2015) e Neves (1997), e estudos sobre os mecanismos linguísticos na produção de humor, como Possenti (1998). A problemática se dá, sobretudo, a respeito dos aspectos de idiomaticidade, composicionalidade e de valor cultural inerente às expressões idiomáticas brasileiras, transpostas de forma propositalmente cômica pelo escritor Millôr Fernandes. As conclusões apontam para o alto conhecimento linguístico que o autor possui ao conseguir gerar riso e humor se utilizando essencialmente de ingredientes sintático-semânticos do português brasileiro e da língua inglesa.

Palavras-chave: Correspondência idiomática; Construcionalização; Millôr Fernandes.

Abstract: Through the analysis of Millôr Fernandes' work in *The cow went to the swamp*, this study aims to articulate the theory of constructionalization, framed in a functionalist perspective of language, considering the issue of the possibility of translation. The study is based on authors who focus on functionalist matters, such as Alonso & Cezario (2015) and Neves (1997), and studies on language mechanisms in humor production, such as Possenti (1998). The problem is mainly related to the aspects of language, compositionality and cultural value inherent in Brazilian idioms, translated in a purposefully comic way by the writer Millôr Fernandes. The conclusions point to the high linguistic knowledge that the author possesses in generating laugh and humor using essentially syntactic-semantic ingredients of Brazilian Portuguese and English language.

Keywords: Idiomatic correspondence; Constructionalization; Millôr Fernandes.

¹ Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina. É bolsista pela CAPES. Participa do grupo de pesquisa TDELE e TRANSIÇÃO. Tem interesse pela área de Ensino de Línguas e Diversidade, Interculturalidade e Decolonialidade.

² Doutora em Letras e Linguística. Docente da graduação em Letras (UEG/Campos Belos) e do mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG/Cora Coralina). Autora de capítulos nos livros *Formação de professores de línguas estrangeiras: princípios e práticas* (Editora UFG); *Razão sensível e complexidade na formação de professores: desafios transdisciplinares* (Editora UEG). Participante dos grupos de pesquisa: *Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira (UFG)* e *DIVERSO – Discursos de Diversidade, Diferença, Decolonização, Valorização e Resistência Sociais (UEG)*. Desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada, com interesse em ensino de línguas, formação de professores e educação Intercultural.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema o modo como o processo de construcionalização pode ter relação direta com uma tentativa de tradução ou correspondência idiomática entre duas línguas. Para a análise desse tipo de tentativa, por assim dizer, de desejo de “transposição” de significado de um código para o outro, é importante que se assuma uma perspectiva clara de tratamento e concepção de língua. Assume-se aqui um ponto de vista funcionalista, que implica considerar que o papel dos usuários é fundamental, e que o modo de ocorrência de alguns fatos se deve, sobretudo, à dimensão do uso. Se se considera que a gramática de uma língua não é autônoma, mas sim emergente, modificada, renovada e mantida por meio do uso (ALONSO & CEZARIO, 2015), parte-se da hipótese de que os padrões linguísticos são aprendidos de modo integrado.

O objetivo deste artigo é ilustrar como o escritor Millôr Fernandes brinca, justamente, com a impossibilidade de nos expressarmos da forma idêntica em duas línguas diferentes. Em outras palavras, visa descrever como o processo de construcionalização da língua portuguesa não encontra um equivalente semântico quando seus pareamentos forma-sentido são traduzidos, a fim de se encaixar no processo de construcionalização da língua inglesa. O próprio Millôr diz se tratar de um “não-livro” e de um “não-trabalho”, avisando que suas traduções literais não são honestas. Mas alguma tradução é, de fato, honesta?

As expressões cristalizadas que Millôr brinca de traduzir, numa perspectiva conscientemente cômica, retratam que mesmo quando apresentamos o equivalente linguístico mais aproximado disponível para fazer com duas línguas se correspondam, o seu “verdadeiro” alcance simbólico não ocorre, simplesmente pelo fato de os itens linguísticos (ou construções) terem passado por processos diferentes de abstração, justamente por se estruturarem com base em diferentes gramáticas e diferentes realidades e contextos linguísticos. A hipótese principal aqui é a de que a tradução pode ocorrer de forma mais adequada ou menos adequada dependendo, sobretudo, do conhecimento a respeito das unidades formadoras da gramática de uma língua (ALONSO & CEZARIO, 2015), i.e, dos processos de construcionalização.

O artigo está composto por dois tópicos que tratam de pensar as implicações da questão da tradução relacionada ao processo de construcionalização, e em como o livro *The cow went to the swamp* (A vaca foi pro brejo) de 1988 de Millôr Fernandes funciona como uma ilustração, em todos os aspectos, dessa relação. Primeiro, pelo próprio Millôr ser um tradutor de obras em

língua inglesa, tendo publicado incontáveis trabalhos ao longo dos anos em que viveu (1923-2012), e segundo pela maneira como o fez nessa obra em específico (declaradamente jocosa, demonstrando justamente um alto nível de conhecimento do modo de funcionamento das construções idiomáticas).

2 como pensar a questão da tradução pelo processo de construcionalização

A ação de traduzir, entendida de uma forma não analítica como a ação de transpor um conteúdo de uma língua para outra é bastante estudada, contando com diversos cursos especializados dessa área. Procurando por uma definição mais fundamentada, encontra-se na tese de Gonçalves dos Santos (2016) um estudo que trabalha com a tradução de expressões idiomáticas (ou, como ele mesmo se refere a elas: “unidades de discurso idiomáticas” e “automatismos linguísticos”), que investiga os seus diferentes aspectos e também aborda uma teoria funcionalista de tradução. As implicações que Gonçalves dos Santos (2016) menciona em seu trabalho e que dizem respeito à proposta de estudo do presente artigo envolvem: o valor cultural que cada expressão comporta dentro de si, o conceito de idiomaticidade, que: “surge quando o significado do todo não pode ser compreendido tendo em conta o significado das suas partes” (GONÇALVES DOS SANTOS, 2016, p. 18). Ainda sobre esse conceito, compreende-se que “tais unidades são ‘maiores do que palavras e funcionam como palavras, no sentido em que devem ser aprendidas separadamente, como uma unidade só, mas que também possuem uma estrutura gramatical” (Fillmore *et al.* 1998 Apud GONÇALVES DOS SANTOS, 2016, p. 19). E, por fim, também nos interessa aqui o conceito de composicionalidade, que funciona sob o seguinte princípio:

O sentido de uma expressão complexa é uma função dos sentidos das suas partes e da forma como estão combinadas / o significado de uma frase é determinado pelos significados dos seus constituintes e pelo modo como estes estão combinados. (Valentim, 2009, p. 39 Apud GONÇALVES DOS SANTOS, 2016, p. 20)

Até aqui, fica esclarecido o modo como se pretende pensar a tradução neste artigo: como uma tentativa de fazer com que unidades de discurso idiomáticas, ou expressões linguísticas, se correspondem de alguma forma. A questão da tradução também depende da compreensão de que a correspondência de significado não se dá de item para item, e de que o

efeito semântico depende, principalmente, do arranjo sintático, que é particular de cada gramática da língua.

Esclarecida a questão da tradução, passa-se aos esclarecimentos a respeito do processo de construcionalização. As concepções aqui expostas estão ancoradas, sobretudo, em duas obras: Neves (1997) e Alonso & Cezario (2015). Outros autores também aparecem, de forma a complementar a constituição do que envolve esse conceito. Noël (2007, Apud NEVES, 1997), por exemplo, compreende o paradigma da construcionalização como uma “gramática diacrônica das construções”. Para Tomasello (2003, Apud NEVES, 1997), a gramática de construções trata-se de um processo através do qual novos padrões forma-sentido são gerados na língua.

Com Alonso & Cezario (2015), temos algumas definições que merecem ser mencionadas *ipsis litteris*, a fim de seguir com a discussão:

Entende-se que a representação linguística está estritamente vinculada a eventos de uso [...] as produções linguísticas não são apenas produtos do sistema do falante, mas servem como *input* para sistemas de outros falantes, não apenas na fase de aquisição da linguagem, mas durante toda a vida.

[...]

parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza [menção à Bybee, 2003] [...]

[...]

as construções são definidas como pareamentos de forma-sentido idiomatizados [...] (ALONSO & CEZARIO, 2015, p. 63- 65).

E ainda que:

o processo [de construcionalização] geraria a própria gramática da língua, ou seja, o conjunto de padrões de diferentes níveis de esquematicidade, vistos como construções, unidades formadoras da gramática de uma língua (ALONSO & CEZARIO, 2015, p. 69)

Essas definições nos ajudam a compreender de uma maneira mais bem estruturada conceitos como os de que idiomaticidade, composicionalidade e de valor cultural que são e estão inerentes às línguas, e que dizem respeito principalmente a como se dá, indissociavelmente, a relação entre “significante” e “significado”.

Alguns pontos do trabalho de Neves (1997, que esclarecem bastante alguns aspectos da teoria funcionalista, também merecem destaque. Citando Dik (1980), a autora propõe trabalhar com:

uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação

verbal. Requer-se dela, pois, que seja ‘pragmaticamente adequada’ (Dik, 1978, p. 6), embora se reconheça que a linguagem só pode funcionar por meio dos arranjos sintaticamente estruturados [...] (DIK, 1980, p. 2 apud NEVES, 1997, p. 25)

Pelo exposto, compreende-se a perspectiva que sugere que “a integração de componentes diversos é uma das características de qualquer paradigma funcionalista, mesmo os menos moderados, que estabelecem uma subordinação dos demais componentes ao componente pragmático.” (NEVES, 1997, p. 24).

Exposto tudo isso, podemos então agora nos perguntar qual a relação entre a questão da tradução (como foi esclarecida até aqui) e a questão da construcionalização (como foi esclarecida até aqui). Para o desenvolvimento dessa “pergunta”, uma obra em específico da carreira literária ímpar de Millôr Fernandes, intitulada *The cowwenttotheswamp*, publicamente pela primeira vez em 1988, ilustra de uma maneira brilhante e ironicamente cômica a questão da imperfectibilidade e da não-correspondência significativa de quando tentamos transpassar o significado de uma língua para a outra, ainda mais em se tratando de expressões cristalizadas.

2.1 As expressões idiomáticas brasileiras traduzidas para a língua inglesa em *The cowwenttotheswamp* (1988)

Chamado de “antimanual de tradução”, o livro tem várias apresentações interessantes, que dialogam diretamente com o mote deste trabalho. Uma delas, que aparece em vários *links* disponíveis para a compra e divulgação do livro (como no site da Estante Virtual, Companhia das Letras, Saraiva, Amazon) mas que não apresenta o autor, é reproduzida abaixo:

Foi a partir da sugestão de um amigo que Millôr começou a traduzir para o inglês expressões tipicamente brasileiras. As mais de seiscentas frases reunidas neste livro dão uma amostra de por que o autor é reconhecido como uma das mentes mais talentosas que o Brasil já teve. [...] [Um] 'masterclass' da tradução literária - ou da tradução literal [...] (*THE COW went to the swamp/A vaca foi pro brejo*, [s.d.]

Portanto, por meio do livro, o que Millôr supostamente faz é nos “ensinar” como dizer em inglês coisas que só brasileiros saberiam como formular e em que situações formular. Ou seja, o próprio mote do livro é infundado. Não há como dizer em inglês expressões idiomáticas

brasileiras, justamente porque essas são expressões idiomáticas brasileiras. Não se trata de uma redundância ou tautologia, mas apenas lógica. Esse é o grande gerador de humor do livro: a impossibilidade de se atingir o objeto, ironicamente, proposto.

Também conta-se com uma apresentação do livro escrita por Jô Soares, outro escritor brasileiro, em que também não se especifica a edição, onde podemos ler na Introdução uma espécie de explicação, assim digamos, da “natureza” do livro:

Este é um *não-livro*. Isso quer dizer, se quer dizer alguma coisa, um livro que não merece lugar na sua estante. Nele ensinamos uma espécie de inglês pra inglês ver, se é que você nos entende. Mas, é bastante olhar pra capa deste negócio pra ver que se trata de um *non* honesto.

[...]

Mas de duas coisas muito importantes você pode ficar certo, certíssimo, quando ler este *não-trabalho*. Primeiro, que ler, escrever ou falar inglês é foda. Segundo, que se você aqui não aprendeu nada de inglês, aprendeu porém muito mais sobre inglês do que em qualquer outro *sim-livro* normal. Falar verdade, quando você acabar de ler este *não-livro* de ponta a ponta, poderá dizer, como Sócrates (ele também foi pro brejo junto da *Ágora*): "Só sei que não sei porra nenhuma de inglês. [...]" (SOARES, [s.d.]

Como já no próprio título o autor Millôr Fernandes deixa entrever, dizer que “a vaca foi pro brejo” não é, jamais, o mesmo que dizer “*thecowwenttotheswamp*”. Primeiro, porque *brejo* e *swamp* não são denominações que correspondem a um mesmo lugar. Segundo, porque se referir a uma *vacância* é o mesmo que se referir a uma *cow*, por mais que essas duas palavras se refiram a um mesmo animal. E terceiro, porque a construção verbal “foi pro” e “wenttothe” não são equivalentes perfeitos. Tomados separadamente e fora de contexto, esses itens até poderiam ser adequadamente correspondentes, mas tomados enquanto uma construção (unidade linguística, pareamento forma-sentido) o mesmo não pode ocorrer. Isso significa dizer que o efeito simbólico de uma vaca que vai para o brejo no Brasil, considerando a origem agropastoril dessa expressão, não encontrará identificação em outro contexto linguístico ou realidade cultural.

Indo mais a fundo nessa questão, podemos pensar na noção de imaginário social, que Bagno (2017) traz à tona por meio de Castoriadis & Faraco (2011):

O imaginário ordena, organiza, dá sentido ao mundo natural e social. Ele não é mero reflexo do percebido, nem elaboração estritamente racional dos dados, nem ilusão falseadora da realidade. Mas uma rede de significações pela qual figuramos nosso mundo para nós como sociedade. Por isso, diz Castoriadis, o imaginário é mais real do que o real. (BAGNO, 2017, p. 105)

A colocação de Bagno (2017), mesmo que não diga respeito diretamente às teorias funcionalistas, é muito pertinente para que possamos passar para o tópico de análise, pois é precisamente na compreensão de que o funcionamento da estrutura de uma língua é também um funcionamento social e completamente situado culturalmente, que conseguiremos produzir sentido por meio de uma busca de equilíbrio diante das flutuações inerentes a todo estado sincrônico de qualquer língua.” (BAGNO, 2017, p. 120).

2.2 Seleção e análise das expressões pensando nas características próprias do português brasileiro (PB) e da língua inglesa (LI)

As expressões selecionadas abaixo provavelmente só provocarão o riso em um leitor que seja capaz de compreender um mesmo tipo de processo em duas línguas diferentes (no caso, em português brasileiro (PB) e da língua inglesa (LI)). Trata-se de um processo denominado de *chunks* que, segundo a teoria funcionalista, diz respeito ao nível de familiaridade que temos com “agrupamentos que têm valor como um todo, ou seja, [cujo] significado não é apreendido [somente] pela soma das partes.” (ALONSO & CEZARIO, 2015, p. 68).

Dez expressões do livro se mostraram particularmente interessantes. Elas estão expostas no Quadro 1:

Quadro 1

	EXPRESSÃO IDIOMÁTICA BRASILEIRA	TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA
1	Afinal de contas	In the end of calculations
2	Alguma coisa pra beslicar	Something to pinch
3	Assim ou assado	This way or roasted
4	Bancou o pato	He banked the duck
5	Bancou o trouxa	He banked the bundle of clothes
6	Bombom	Goodgood
7	Ela dá mais que chuchu na serra	She gives more than chayote in the hill
8	Liberou geral	Liberated it all around
9	Não entendeu porra nenhuma	Didn't understand any sperm
10	Rodar a baiana	To whirl the old woman from Bahia

Fonte: FERNANDES, Millôr. *The cow went to the swamp* (A vaca foi pro brejo). São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

Como podemos ver, nenhuma das dez expressões brasileiras expostas encontra um correspondente suficientemente aproximado em língua inglesa, ao ponto de poder ser usado de forma a provocar um efeito de sentido esperado. Se tentarmos imaginar uma situação de um estrangeiro que chega ao Brasil pedindo um “goodgood” (tentando se referir ao chocolate comumente denominado como “bombom”), provavelmente ele não obterá sucesso. Por mais que o item em inglês, isolado, “good” seja considerado sinônimo de “bom” em português, a mesma palavra aparentemente apenas repetida (“bombom”/ “goodgood”) toma proporções e referências simbólicas completamente distintas. É a ação do pareamento forma-sentido, que denota um valor cultural específico ao item.

Pensando na questão da polissemia, e na forma como ela ocorre de diferentes maneiras quando colocamos duas línguas em comparação, temos o caso das expressões 1, 2, 4 e 5. O gatilho da expressão 1 está no fato de que “contas” não tem seu correspondente simbólico em “calculations” dentro da construção apresentada; “beliscar” dentro da construção brasileira apresentada assume o significado de comer/se alimentar, enquanto que “pinch” continua com seu sentido literal; o “pato” da expressão 4 não diz respeito ao animal “duck”, mas sim a uma situação desconhecida; e o item “trouxa”, não diz respeito ao sentido literal de “clothes”, sugerido pela tradução. O mesmo ocorre com os cognatos “liberate” / “liberou”.

A expressão 3 denota uma falta de correspondência inclusive sonora, que faz perder em muito o valor da construção “Assim ou assado”. Se aqui fosse o caso de tentarmos uma tradução mais aproximada – e não humorística – do português para o inglês, teríamos a expressão “potatoe, potato...”, bastante conhecida em língua inglesa.

Pensando na questão da ambiguidade de conotação sexual, que não apresenta um correspondente entre as duas línguas nos casos expostos, temos as expressões 7 e 8. O verbo “give” não assume a mesma conotação que o verbo “dar” em português, que sugere consentimento do ato sexual.

Os ingredientes linguísticos da expressão⁹ dizem respeito ao fato de “porra” em português ser usado como um palavrão generalizador de situações, que não encontra nesse sentido correspondência com a palavra “sperm” (esperma).

E a expressão 10 trata da falta de correspondência entre os verbos “rodar” e “whril”, e a própria “baiana” e “old woman from bahia”. Não se trata de fazer girar uma mulher da bahia, mas sim de se revoltar contra algo de forma enérgica.

Em se falando de estudos relativos ao humor, Possenti (1998) é um grande representante. Ele também nos dá detalhes e nos mostra como sempre estamos rindo “por causa de uma peculiaridade sintático-semântica” (POSSENTI, 1998, p. 64), ou de uma surpresa sintático-semântica. Ao se propor a estudar os mecanismos linguísticos do humor, Possenti (1998) nos faz atentar para os ingredientes linguísticos que, na maioria das vezes, são os maiores determinantes das piadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possenti é categórico e correto em afirmar que “nós, por nossa vez, rimos de tudo – até mesmo da estrutura de nossa língua” (POSSENTI, 1998, p. 64). Isso pode ser facilmente comprovado em *The cow went to the swamp (1988)* que é, eminentemente e evidentemente, uma piada baseada na palavra,

Se quisermos pensar em hipóteses ou em qual conclusão a existência desse livro nos possibilita, podemos elencar: a) língua é, essencialmente, vivência. Os efeitos de sentido de uma língua estão obrigatoriamente ligados ao seu contexto linguístico de origem e ocorrência; b) as línguas são equivalentes no que podem produzir estruturalmente, mas se distanciam muito na maneira *como* produzem significado; c) cada contexto linguístico é único em suas particularidades, e logo em seus “humores”.

É por tudo isso que a “tentativa de generalização indiscriminada de regras” (BAGNO, 2017) provoca o riso e constitui o humor nesta obra de Millôr Fernandes. A “graça” do livro está justamente no alto conhecimento de construções em língua portuguesa que o autor possui e também um alto conhecimento do que *não é* construção em língua inglesa, para que se tenha a certeza de se estar fazendo uma piada, já que o gatilho linguístico das transposições está justamente no fato de elas não serem correspondentes. Se fossem, o livro não estaria enquadrado na categoria de humor. Portanto, o humor está exatamente no processo de construcionalização da língua.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Karen Sampaio B; CEZARIO, Maria Maura. A dimensão do uso na gramática de construções. In: RIOS DE OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. da C. do. (Orgs). *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015. p. 63 – 73

BAGNO, Marcos. Por que estudar uma gramática brasileira? In: CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). *O todo da língua: teoria e prática do ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2017.p. 97-121

FERNANDES, Millôr. *The cow went to the swamp = A vaca foi pro brejo*. [apresentação Jô Soares; ilustrações Nani] São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

GONÇALVES DOS SANTOS, Ricardo Fernando de Castro. Tradução cultural: o desafio da expressão idiomática. Dissertação de Mestrado em Tradução e serviços linguísticos. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Setembro de 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas, SP: 1998.